

A produção científica brasileira e a predominância epistemológica estrangeira

Livia Vitória Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, Brasil

Aline de Carvalho Moura

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre o produtivismo acadêmico buscando problematizar a centralidade de autores estrangeiros em pesquisas brasileiras, objetivando compreender como essa dinâmica pode afetar a produção científica nacional. Fundamentada em uma perspectiva marxista, a investigação pontua as influências do contexto neoliberal na educação e a forma como tem impactado a produção do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, construída a partir da análise de artigos selecionados na base SciELO que abordam o produtivismo acadêmico e a produtividade científica, permitindo mapear tendências teóricas nas pesquisas em educação. A relevância do estudo reside na necessidade de valorizar pesquisadores e publicações brasileiras, contextualizando o debate em sua materialidade histórica e social. Ao evidenciar os efeitos de certa dependência em relação a utilização de autores e paradigmas estrangeiros, a pesquisa contribui para fortalecer debates sobre a autonomia intelectual e a democratização do conhecimento, reafirmando o papel crítico da universidade pública brasileira.

Palavras-chave: Produtivismo acadêmico. Produção de conhecimento. Neoliberalismo.

Brazilian scientific production and foreign epistemological predominance

ABSTRACT

This article presents an analysis of academic productivism, seeking to problematize the centrality of foreign authors in Brazilian research and understand how this dynamic can affect national scientific production. Based on a Marxist perspective, the research highlights the influences of the neoliberal context on education and how it has impacted knowledge production. This bibliographical research is based on the analysis of articles selected from the SciELO database that address academic productivism and scientific productivity, enabling the mapping of theoretical trends in educational research. The study's relevance lies in the need to value Brazilian researchers and publications, contextualizing the debate within its historical and social context. By highlighting the effects of a certain dependence on the use of foreign authors and paradigms, the research contributes to strengthening debates on intellectual autonomy and the democratization of knowledge, reaffirming the critical role of Brazilian public universities.

Keywords: Academic productivism. Knowledge production. Neoliberalism.

1 INTRODUÇÃO

O cenário acadêmico brasileiro está imerso em uma dinâmica cada vez mais marcada pelo produtivismo acadêmico, compreendido, neste trabalho, como a ênfase na quantificação de publicações em prejuízo da qualidade, da profundidade teórica e da relevância social do conhecimento produzido. O produtivismo acadêmico-científico não é um fenômeno isolado, pois ele integra uma lógica global associada ao avanço do neoliberalismo, que reconfigura a educação e a ciência ao impor parâmetros mercadológicos sobre a produção de conhecimento. Nessa lógica, o espaço acadêmico passa a ser atravessado por métricas de desempenho, ranqueamentos e exigências quantitativas que transformam não somente a educação, mas também o conhecimento em mercadoria.

Nesse sentido, concordamos com Marx (1996, p. 165) quando ele afirma que a mercadoria se configura como:

[...] um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz as necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção.

Na análise apresentada por Marx (1996) sobre a mercadoria, o autor afirma que ela deve ser encarada sob duplo ponto de vista, segundo qualidade e quantidade, devendo-se considerar os múltiplos modos de usar as coisas, entendendo essa multiplicidade como ato histórico. Atrelado a esse debate, Marx (1996) traz uma discussão que consideramos fundamental para pensar o conhecimento científico, que é a problematização sobre valor de uso e valor de troca:

O valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma da sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do – valor de troca.

O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. (Marx, 1966, p. 166)

Dessa forma, compreende-se que a mercadoria não é definida apenas pelo seu valor de uso, sendo aquilo que expressa sua utilidade prática, mas também pelo seu valor de troca, que

reflete seu papel nas relações sociais e econômicas da sociedade capitalista. Considerando essa associação do valor de uso e do valor de troca da mercadoria, temos pensado o processo de mercantilização da educação no Brasil e como essa lógica tem impactado a produção de conhecimento.

Sob essa lógica, o conhecimento deixa de ser apenas uma construção coletiva voltada ao desenvolvimento humano e passa a assumir *status* de mercadoria na sociedade neoliberal, inserindo-se em dinâmicas de mercado que priorizam a competitividade, a rentabilidade e a lógica de consumo, em detrimento de seu potencial crítico e emancipador.

Essa mercantilização do conhecimento cria um ambiente em que a produtividade é medida pelo volume e pelo prestígio social das publicações, negligenciando sua relevância na devolução dessa produção para a sociedade. Desse modo, artigos com grande reconhecimento internacional ou com reconhecimento de autores mais consolidados no campo de pesquisa passam a ser mais valorizados em um processo de citações, ainda que estejam, por vezes, distantes da realidade que se busca apresentar na pesquisa.

Pensando, por exemplo, a circulação internacional de pesquisas, esta, ao invés de se traduzir em um intercâmbio equitativo, acaba por contribuir para aprofundar desigualdades epistemológicas e colocar a produção científica nacional em um plano secundário. Obviamente, é importante considerar que em muitos outros países, alguns debates estão mais consolidados do que em outros e que, além disso, existe uma enorme diferença em relação aos investimentos na área de ciência e tecnologia ao redor do mundo que aprofundam um certo desequilíbrio para o próprio desenvolvimento da pesquisa. No entanto, nos chama atenção que apesar de levar em conta esses pontos de desvio no processo produtivo, considerando os avanços da produção científica no Brasil, pudesse existir um equilíbrio maior na utilização de materiais estrangeiros, trazendo para a divulgação científica nacional os autores brasileiros que tratam das temáticas

A presente discussão emerge de uma pesquisa maior desenvolvida no âmbito da Iniciação Científica (IC). O trabalho desenvolvido na pesquisa de IC teve como objetivo compreender como o produtivismo acadêmico tem sido discutido nas publicações da área de Educação, apontando alguns impactos epistemológicos e político-institucionais, além de identificar lacunas conceituais que dificultam embates mais críticos e diretivos sobre o fenômeno. Para dar conta do objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada no referencial marxista, compreendendo o debate a partir de um contexto histórico-social. Para além disso, o processo de desenvolvimento metodológico

envolveu um levantamento sistemático na base SciELO, considerando artigos em português publicados no Brasil entre 2011 e 2021, marco escolhido a partir do documento ‘Ética e Integridade na Prática Científica’, publicado pelo CNPq em 2011. Como escopo desse trabalho, identificamos 21 artigos que atenderam aos critérios de seleção, organizados considerando os seguintes dados: autor, ano de publicação, palavras-chave, metodologias adotadas, conceitos aplicados e principais autores-base.

A partir da análise do levantamento bibliográfico realizado sobre a temática do produtivismo acadêmico, observamos um dado que nos chamou a atenção, que foi a utilização majoritária de autores estrangeiros em produções brasileiras. Esse achado motivou uma reflexão mais profunda, aqui sistematizada, acerca das consequências dessa dependência teórica, com foco na importância de valorizar e fortalecer a produção científica nacional.

É de extrema importância destacar que não se trata de desconsiderar a relevância de aproximações de produções internacionais com as nacionais, mas de reconhecer que a adoção exacerbada de referenciais externos pode resultar na invisibilização de contextos e experiências especificamente brasileiras, gerando uma ciência descolada de sua própria realidade social.

Dessa maneira, podemos compreender que existe uma certa predominância epistemológica de base estrangeira, que temos caracterizado como a sobreposição de conhecimentos partindo de uma estrutura de poder que modela a produção e a validação do conhecimento, que não apenas orienta as referências científicas globais, mas também aprofunda uma dependência estrutural que distancia a pesquisa brasileira de sua própria realidade social, econômica e cultural, mesmo ao abrir portas para diálogos transnacionais e acesso a referenciais consolidados.

Assim, pesquisas internacionais, apesar de sua relevância, não se comprometem em refletir as particularidades históricas e estruturais que moldam a educação e a ciência em países nos quais não estão inseridas. Sendo assim, compreendemos a preocupação de Moura, Oliveira e Lima (2024, p. 14-15) quando estas afirmam que:

Nesse sentido, a relação de produção de conhecimento se articula a quem produz e para que se produz. Não se trata apenas da produção acadêmica no seu sentido econométrico, mas de que tipo de conhecimento tem sido produzido em meio aos objetivos próprios da educação. Esse questionamento nos remete e tem nos conduzido à preocupação com a produção, a divulgação e a disseminação de conhecimento.

Essa reflexão reforça a importância de problematizar a centralidade de paradigmas estrangeiros e a dependência estrutural que eles geram, uma vez que a produção científica não deve apenas atender métricas quantitativas, mas também dialogar com o contexto histórico e social em que está inserida. Reconhecer o valor da pesquisa nacional é essencial para construir uma ciência que responda às demandas locais, promova autonomia intelectual e contribua para uma educação comprometida com a transformação social.

Nesse contexto, observamos um tensionamento: embora o conceito de produtivismo acadêmico, ao ser disseminado globalmente a partir da ascensão do neoliberalismo e de sua influência sobre as produções científicas, promova a inserção em redes internacionais de publicação, ele também restringe a autonomia intelectual, reforçando dinâmicas de conhecimento que perpetuam assimetrias históricas quanto ao processo de disseminação científica.

A discussão proposta neste artigo, portanto, busca tensionar dois movimentos complementares. De um lado, o produtivismo acadêmico é entendido como expressão de um modelo neoliberal que atinge a ciência e a educação em escala global, esvaziando a dimensão formativa e transformadora do conhecimento em favor de uma lógica competitiva e mercantilizada. De outro lado, questionamos o lugar da produção nacional nesse cenário. Quais são as implicações dessa desvalorização para a construção de uma epistemologia crítica e situada no Brasil?

Ao abordar tais questões, pretendemos contribuir para o debate sobre a soberania intelectual e para a valorização de pesquisadores e pesquisadoras que produzem análises profundamente enraizadas nas especificidades do país, o qual, no nosso caso, será focado no Brasil.

A relevância deste estudo se justifica pelo contexto histórico e político em que o campo científico brasileiro está inserido. As universidades públicas, principais polos de pesquisa do país, enfrentam cortes orçamentários, precarização de estruturas e intensificação das políticas avaliativas. Essas medidas estão alinhadas ao avanço do neoliberalismo, que tende a transformar a educação em serviço e o conhecimento em produto, impondo métricas rígidas de produtividade.

Essa conjuntura reforça a concentração de recursos e a competitividade entre pesquisadores e instituições. Nesse sentido, discutir a valorização da produção científica

nacional não é apenas uma defesa de interesses locais, mas um gesto político e epistemológico de resistência.

O objetivo central deste artigo é problematizar a hegemonização epistemológica do produtivismo acadêmico, evidenciando como ele atua na manutenção de uma dependência teórica que negligencia o conhecimento produzido no Brasil. A análise busca destacar os potenciais de um movimento de valorização da pesquisa nacional, entendendo que a produção científica contextualizada é essencial para o enfrentamento das desigualdades sociais e para o fortalecimento da educação como direito e prática emancipatória.

A estrutura do texto se organiza em dois momentos principais. Na primeira seção, discutimos o avanço do neoliberalismo e seus impactos sobre o ensino superior e a produção de conhecimento, analisando como essas transformações têm moldado as políticas acadêmicas brasileiras. Na segunda seção, apresentamos uma reflexão sobre a importância estratégica de fortalecer e valorizar as produções científicas nacionais, apontando os limites de uma dependência excessiva de referenciais estrangeiros e ressaltando a relevância de uma epistemologia crítica e contextualizada que dialogue com as especificidades locais. Por fim, nas considerações finais, retomamos a defesa de uma ciência comprometida com o contexto brasileiro e com a superação das desigualdades estruturais que marcam o campo do conhecimento no país.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa surge de uma pesquisa maior realizada no âmbito da Iniciação Científica (IC) que foi desenvolvida no biênio 2024-2025 sobre a problemática do produtivismo acadêmico. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa e abordagem bibliográfica. Durante o levantamento, foram selecionados textos que abordam o produtivismo acadêmico e a produtividade no ensino superior, com filtragem para obras publicadas no Brasil e no idioma português.

O referencial teórico da pesquisa foi orientado por uma perspectiva marxista, que permite compreender o produtivismo acadêmico como um fenômeno estrutural e socialmente inscrito nas dinâmicas do capitalismo que se insere na própria lógica de organização produtiva no ensino superior.

Ao longo das reuniões de Iniciação Científica, observamos que grande parte dos autores, mesmo nacionais, possuía como base de pesquisa autores estrangeiros, apesar da existência de uma vasta produção brasileira sobre o conceito e as implicações do produtivismo acadêmico. Essa observação nos possibilitou identificar a predominância epistêmica e as desigualdades históricas que afetam a produção científica no Brasil. A discussão foi guiada não apenas pela descrição dos textos, mas também pela problematização das contradições entre a circulação internacional de pesquisas, a valorização da produção estrangeira e a autonomia intelectual local.

3 CONTEXTO NEOLIBERAL NO BRASIL E A ACADEMIA

Pensar a forma de organização e de produção de conhecimento na contemporaneidade nos remete a problematizar as configurações do neoliberalismo e a forma como tem impactado o campo educacional. No projeto neoliberal, as instituições são peças fundamentais para que a racionalidade da lógica de mercado, atinja o maior número de indivíduos e, nesse sentido, a educação tem um lugar de destaque nos interesses de aprofundamento desse projeto (Cenci, 2020).

Na análise de Antunes (2000, p. 40, destaques do autor):

O Neoliberalismo passou a ditar o ideário e o programa a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente no centro e logo depois nos países subordinados, contemplando reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias [...]

Esse movimento revela apresentado pelo autor revela como o neoliberalismo atua de forma destrutiva sobre as estruturas sociais, reconfigurando o papel do Estado e ampliando a precarização do trabalho. No contexto da universidade pública brasileira, tal lógica se materializa em cortes orçamentários, na redução de financiamentos estatais, na pressão por produtividade e competitividade acadêmica. Assim, o projeto de educação pública passa a ser tensionado por interesses mercadológicos, se afastando de sua função social de formação crítica e emancipadora.

A lógica da concorrência ocupa posição central na sociedade neoliberal, sendo propagada como ponto central do desenvolvimento econômico e social. Essa mentalidade

competitiva, antes restrita ao mercado, se expande para todas as esferas da vida, moldando relações interpessoais, processos educacionais e práticas científicas. No ambiente acadêmico, essa lógica se manifesta por meio de disputas por financiamento, reconhecimento e publicação em periódicos de alto impacto, reforçando desigualdades e deslocando a atenção de uma produção de conhecimento crítica para uma produção quantitativamente vantajosa.

Outra característica fundamental do neoliberalismo é a individualização das responsabilidades que reforça o ideal do ‘empreendedor de si’. Nesse cenário, sujeitos passam a ser vistos como gestores de suas próprias trajetórias, internalizando uma visão mercadológica de si mesmos e de suas capacidades. O discurso meritocrático legitima essa perspectiva, colocando sobre cada indivíduo o peso do sucesso ou do fracasso, sem considerar as desigualdades estruturais que moldam o acesso às oportunidades. Essa lógica se reproduz na universidade, transformando pesquisadores em marcas pessoais que competem por visibilidade e recursos.

A mercantilização da educação e consequentemente do conhecimento produzido neste espaço institucional são consequências diretas dessa racionalidade neoliberal. Na sociedade neoliberal, tudo passa a ser convertido em mercadoria, inclusive bens culturais, saberes tradicionais e pesquisas científicas. O conhecimento é avaliado pela sua capacidade de gerar lucro, patentes ou indicadores de produtividade. Esse processo enfraquece a dimensão crítica e emancipatória do conhecimento, subordinando-o a interesses do capital.

Ademais, o controle social exercido por métricas e sistemas de desempenho é um dos instrumentos mais eficazes para consolidar esse modelo. Indicadores e *rankings*, apresentados como mecanismos neutros de transparência e qualidade, tornam-se ferramentas de pressão e regulação que reforçam hierarquias institucionais e desigualdades estruturais. No campo acadêmico, isso se traduz em sistemas de avaliação que priorizam números, entendidos pelos artigos publicados, citações e índices de impacto, em detrimento de reflexões aprofundadas, consolidando uma lógica produtivista que reduz o conhecimento a estatísticas.

4 A PROBLEMÁTICA DA CENTRALIDADE DE AUTORES ESTRANGEIROS EM PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS

A partir dos apontamentos acerca da sociedade neoliberal e de suas implicações na Academia, avançamos agora para o debate central deste artigo: a predominância epistemológica

observada nos autores-base dos artigos analisados. Para tornar esse processo mais claro, apresentamos a seguir a metodologia adotada na pesquisa maior que fundamenta este estudo.

A seleção dos artigos analisados foi realizada na plataforma SciELO, em novembro de 2024, resultando inicialmente em 77 trabalhos que continham como palavras-chave os termos “produtivismo” e “produtividade”. A partir de uma análise empírica, esses artigos foram avaliados segundo os critérios do projeto de pesquisa, que buscava compreender o produtivismo acadêmico no ensino superior. Com base nesse alinhamento, foram selecionados 21 artigos para compor o *corpus* desta análise. A partir dos 21 artigos, selecionamos apenas os 12 que apresentavam seus autores-base de forma clara, descartando os 9 artigos que não foram possíveis identificar quem estaria formando o eixo estrutural da pesquisa.

A seguir, expomos o material empírico de forma detalhada, a fim de explicitar a discussão proposta, apresentando elementos como o nome dos autores, título dos artigos, ano de publicação, palavra-chave e autor-base.

Quadro I: Artigos analisados

Autor do Artigo	Título do artigo	Ano	Palavra-chave	Autor-base
Eunice Trein e José Rodrigues	O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-Mercadoria	2011	Produtivismo	Karl Marx; Sigmund Freud
Gaudêncio Frigotto	Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI	2011	Produtivismo	Florestan Fernandes; Karl Marx; Dermeval Saviani; Marilena Chaui
Murilo Mariano Vilaça e Alexandre Palma	Diálogo sobre cientrometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo	2013	Produtivismo	Eunice Trein e José Rodrigues; Michel Foucault
Teresa Cristina Rego	Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio	2014	Produtivismo	Renato Ortiz

Lucídio Bianchetti e Ione Ribeiro Valle	Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus	2014	Produtivismo	Remi Hess; Marilena Chaui
Antônio A. S. Zuin e Lucídio Bianchetti	O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário	2015	Produtivismo	Marilena Chaui; Russel Jacoby; Lindsay Waters
Rafael Dias e Milena Serafim	Comentários sobre as transformações recentes na universidade pública brasileira	2015	Produtivismo	David Henry; Slaughter e Rhoades; Oliveira; Machado e Bianchetti
Amanda Oliveira, Maristela Pereira e Luana Lima	Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras	2017	Produtivismo	Karl marx; Ricardo Antunes; Pierre Bordieu
Josimar de Aparecido Vieira, Ana Sara Castaman e Mario Luiz Junges Júnior	Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social	2021	Produtivismo	Louis Althusser; Pierre Bordieu e Jean Claude Passeron; Émile Durkheim; Dermeval Saviani
Ana Luísa Antunes, Priscilla Andrade Magalhães Rodrigues e Zaia Brandão	Hierarquias acadêmicas na pesquisa em educação	2019	Produtividade	Pierre Bordieu
Vanessa Soares Maurente	Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros	2019	Produtividade	Michel Foucault
Luana Silvy de Lorenzi Tezza Magnin e Adriana Takahashi	A política de avaliação da produtividade acadêmica brasileira sob a ótica dos pesquisadores: uma meta-síntese	2021	Produtividade	Mikhail Bakhtin

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em dados da pesquisa pela plataforma SciELO

Antes de avançarmos na discussão, é essencial esclarecer que entendemos por autor-base aqueles que sustentam a espinha dorsal argumentativa dos textos analisados, ou seja, os pesquisadores cujas ideias estruturam e orientam as reflexões de cada artigo, definindo seus eixos teóricos e metodológicos. A partir dessa definição, buscamos mapear as influências teóricas predominantes nos trabalhos, evidenciando aproximações epistemológicas e afinidades críticas entre as produções.

Dos 21 artigos analisados, em 9 não foi possível identificar com clareza os autores-base, o que já aponta para um desafio na própria explicitação das referências estruturantes em parte da produção científica. Nos demais 12 artigos, entretanto, constatamos uma predominância de referenciais teórico-metodológicos ancorados em pensadores críticos. Entre os nomes mais recorrentes, destacam-se Karl Marx, Pierre Bourdieu, Marilena Chaui, Dermeval Saviani e Michel Foucault, sinalizando um esforço coletivo em construir leituras que tensionam as estruturas da universidade contemporânea e denunciam os efeitos da lógica neoliberal sobre a produção de conhecimento.

Além desses autores centrais, surgem também referências como Florestan Fernandes, Louis Althusser e Ricardo Antunes, cujas reflexões aprofundam o debate sobre classe, ideologia, trabalho e função social da educação. Outros nomes, como Russell Jacoby, Lindsay Waters, David Henry e a dupla Slaughter e Rhoades, se destacam por uma crítica incisiva à mercantilização da ciência e ao modelo global de economia do conhecimento, problematizando diretamente o produtivismo acadêmico. A presença de autores como Trein e Rodrigues, Machado e Bianchetti e Renato Ortiz, por sua vez, evidencia uma aproximação com a realidade brasileira, estabelecendo um diálogo entre teoria crítica e práticas acadêmicas locais.

Essa configuração revela uma rede de autores que, embora diversa, converge em torno de uma perspectiva crítica e contra hegemônica, reafirmando a relevância de uma produção científica comprometida com a transformação social e com a defesa da universidade pública.

Essa composição teórica, embora diversa em origem e foco, converge na denúncia dos processos de instrumentalização do conhecimento, revelando um campo de resistência que se constrói a partir da reflexão crítica e do compromisso com uma universidade pública, democrática e socialmente referenciada.

Ainda assim, apesar da potência desse corpo teórico na crítica ao produtivismo acadêmico, chama a atenção o fato de boa parte dos autores utilizados nas publicações analisadas serem estrangeiros. Essa predominância pode tanto refletir o peso histórico das

tradições teóricas europeias e norte-americanas na formação do pensamento crítico acadêmico quanto indicar uma possível lacuna na valorização de autores brasileiros.

Esse cenário nos leva a um questionamento necessário: faltam autores nacionais que abordem criticamente o produtivismo ou estamos, enquanto comunidade acadêmica, pouco atentos ao que é produzido em nosso próprio território? Essa indagação não pretende rejeitar o referencial internacional, mas sim reforçar a urgência de ampliar nossos olhares para a produção brasileira, considerando as especificidades de nosso contexto educacional e científico.

Há uma riqueza inegável de análises feitas por pensadores como Florestan Fernandes, Ricardo Antunes, Trein e Rodrigues, Machado e Bianchetti, além dos próprios autores indicados no Quadro 1 e outros que, muitas vezes, são ofuscados por um hábito estrutural de priorizar vozes do Norte Global.

Destacar a relevância de autores nacionais não significa desvalorizar as contribuições internacionais, mas evidenciar a importância de fortalecer um debate teórico que dialogue diretamente com as contradições de nossa realidade histórica e social. Esse movimento é essencial para compreender as dinâmicas do produtivismo acadêmico em sua materialidade concreta, situada no projeto de universidade pública brasileira.

É importante salientar que a predominância de referências estrangeiras na produção científica brasileira não é um fenômeno isolado, mas um reflexo de processos históricos e estruturais que moldaram as bases do sistema universitário nacional. Desde sua origem, a universidade no Brasil foi concebida em diálogo, muitas vezes subordinado, aos paradigmas do Norte Global, importando modelos epistemológicos que se consolidaram como padrões de excelência científica.

Esse movimento, longe de ser neutro, revela como o pensamento crítico nacional frequentemente se constrói em uma relação de dependência com referenciais teóricos externos, perpetuando um ciclo em que epistemologias locais são pouco valorizadas ou até mesmo invisibilizadas.

Dessa forma, discutir a centralidade de autores estrangeiros não é apenas questionar uma preferência de leitura, mas problematizar um sistema acadêmico que historicamente condiciona a produção de conhecimento às normas e validações internacionais. Tal perspectiva revela como a própria estrutura da ciência carrega marcas de uma submissão epistemológica que define não apenas o que deve ser pesquisado, mas também como a pesquisa deve ser produzida, reconhecida e referenciada.

Essa lógica reforça uma hierarquia global do conhecimento, em que centros hegemônicos determinam padrões, metodologias e formas de legitimação, enquanto produções de países menos valorizados, como os do Sul Global, são muitas vezes classificadas como menores ou secundárias. Esse quadro exige uma reflexão crítica sobre a necessidade de repensar a produção científica, abrindo espaço para epistemologias valorizem demandas e contextos locais.

Ao reconhecer o valor das contribuições nacionais e latino-americanas, é possível romper com a lógica de dependência intelectual e construir um campo científico mais plural, em que diferentes formas de produzir conhecimento coexistam e se fortaleçam mutuamente. Isso não implica abandonar referenciais teóricos internacionais, mas buscar uma relação mais horizontal, que permita às referências brasileiras ocuparem lugar de destaque em debates que tocam diretamente nossa realidade histórica, social e educacional.

Esse cenário se evidencia também na dinâmica de publicação científica, onde a legitimação do conhecimento está fortemente atrelada às revistas de alto prestígio, concentradas majoritariamente na Europa e nos Estados Unidos. Essa concentração geográfica e epistemológica cria um funil de validação que privilegia determinadas formas de pensar e escrever ciência, ao mesmo tempo em que marginaliza produções que não se alinham a esses padrões.

O resultado é uma pressão constante para que pesquisadores do Sul Global moldem suas pesquisas às expectativas dessas revistas, muitas vezes priorizando o reconhecimento internacional em detrimento de abordagens que dialoguem diretamente com seus contextos locais. Essa estrutura reforça uma desigualdade global de poder que não se limita ao campo acadêmico, mas que reflete e perpetua relações históricas de dependência econômica, política e cultural. A ciência, quando submetida a essa lógica, deixa de ser apenas uma ferramenta de compreensão do mundo e se torna um instrumento de reprodução de hierarquias globais. Nessa lógica, a produção acadêmico-científica brasileira tem se voltado às orientações e aos ditames de um contexto acadêmico mercantilizado, onde os processos de internacionalização se apresentam como mais um lugar de avaliação e de busca por pontuação no ensino superior, em especial na pós-graduação.

Consoante a essa perspectiva de relações de poder, concordamos com Moura, Oliveira e Lima (2024, p. 14) quando as autoras apresentam que “a lógica produtiva-mercantil presente na academia, que sustenta a orientação produtivista e meritocrática, assume não só um papel

acadêmico e administrativo, mas também um papel político e burocrático tecido por relações econômicas e de poder”. Dessa forma, entendemos que o prestígio acadêmico, assim, é frequentemente condicionado pela capacidade de aderir a padrões estrangeiros, o que limita a autonomia intelectual e a valorização de produções de conhecimento locais.

Ademais, essa dinâmica tem implicações diretas na formulação de políticas científicas nacionais, que muitas vezes passam a priorizar a inserção internacional como sinônimo de qualidade, reforçando o ciclo de dependência epistêmica. Ao seguir os modelos de avaliação, financiamento e publicação do Norte Global, o Brasil e outros países do Sul acabam internalizando uma lógica que invisibiliza suas próprias demandas sociais e históricas, enfraquecendo a possibilidade de uma ciência verdadeiramente comprometida com a transformação de suas realidades.

Romper com esse modelo exige, portanto, uma revisão profunda dos critérios de reconhecimento científico e a construção de redes de pesquisa que fortaleçam a produção de conhecimento situada, crítica e emancipatória. É preciso que as pesquisas exponham cientificamente os desdobramentos teórico-metodológicos referentes a ela, pois apresentar informações referente à pesquisa, em toda sua complexidade, viabilizam a revisão de critérios de cientificidade que poderão contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas em âmbito nacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar início as considerações finais deste artigo, chamamos a atenção para o fato de que mesmo compreendendo a necessidade de repensar a lógica da utilização predominante de referenciais estrangeiros, aqui, em nossa pesquisa, pontuamos os nossos debates conceituais em autores estrangeiros como Marx, Dardot e Laval, pois compreendemos que não se pode negligenciar os debates iniciais sobre a construção de categorias que consideramos fundamentais para pensar a pesquisa.

As aproximações teóricas vinculadas às categorias de análise se justificam pela complexidade de tratar da pesquisa em educação, pois esta, como área de conhecimento, se apropria de outros campos do conhecimento científico para tratar de suas especificidades. Dessa forma, compreendemos que ainda são necessárias as utilizações conceituais de autores da Sociologia, por exemplo, que tem fundamentado muitos debates na área da educação. Fora a

utilização conceitual, temos tentado nos pautar em autores nacionais que debatem nosso objeto de análise, ou seja, o produtivismo acadêmico em educação.

Assim, a análise aqui desenvolvida evidenciou que o produtivismo acadêmico, ao mesmo tempo em que se apresenta como parte de um fenômeno global atrelado ao avanço do neoliberalismo, também reforça dinâmicas históricas de dependência epistêmica que impactam diretamente a produção científica brasileira. Ao longo desta discussão, buscamos tensionar o peso das métricas quantitativas e da centralidade de autores estrangeiros, destacando como tais elementos colaboram para a mercantilização do conhecimento e para o distanciamento da pesquisa em relação às demandas sociais do país.

Constatamos que a predominância de referenciais estrangeiros, embora muitas vezes imprescindíveis para diálogos acadêmicos amplos, revela uma estrutura histórica em que epistemologias locais foram sistematicamente subalternizadas. Esse processo pode ser pensado também considerando os mecanismos de avaliação que tem fixado maciçamente a internacionalização da pesquisa científica atrelada às publicações e ao financiamento, o que tem reproduzido assimetrias de poder que atravessam a universidade brasileira, condicionando pesquisadores a priorizarem prestígio e reconhecimento internacional em detrimento de um aprofundamento crítico das realidades nacionais. Assim, a ciência corre o risco de perder sua função emancipadora, transformando-se em uma mercadoria validada por padrões externos.

Nesse cenário, defender a valorização da produção científica nacional não se trata de um gesto de isolamento do país em relação às discussões globais acerca de um tema, mas de uma postura política e epistemológica que busca fortalecer a autonomia intelectual e reconhecer o papel estratégico das universidades brasileiras.

Para isso, torna-se urgente repensar as formas de avaliação acadêmica, investir em redes de pesquisa locais e estimular um diálogo horizontal entre conhecimentos globais e experiências de pesquisa brasileiras.

Por fim, este estudo reforça que repensar a pesquisa científica nacional considerando toda sua importância no processo de produção de conhecimento é um passo essencial para que a ciência cumpra sua função social de enfrentar desigualdades, construir alternativas e contribuir para uma educação pública, democrática e socialmente referenciada. Salientamos, também, a importância em incentivar um movimento coletivo de resistência à lógica neoliberal que transforma conhecimento em mercadoria.

Partindo dos apontamentos aqui expostos e considerando as escolhas teórico-metodológicas e o recorte temporal que guiaram o desenvolvimento desta pesquisa, compreendemos que o objetivo de problematizar certa hegemonização epistemológica dentro do debate sobre o produtivismo acadêmico, foi alcançado, uma vez que o levantamento empírico das bases conceituais dos artigos identificados para o escopo desse trabalho demonstrou uma recorrência a determinados autores estrangeiros para o desenvolvimento dos debates propostos.

Somente ao recuperar a dimensão crítica e histórica da produção científica, poderemos construir uma universidade que dialogue com as especificidades de nosso tempo e de nosso território, tornando-se um espaço de criação, emancipação e transformação social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A. L.; RODRIGUES, P. A. M.; BRANDÃO, Z. Hierarquias acadêmicas na pesquisa em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/LKVvMmLLcjkWG4ZBJ79ZKLy/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Org.). **La ciudadanía negada: políticas de exclusión en la educación y el trabajo**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <<https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2025.
- BIANCHETTI, L.; VALLE, I. R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 82, p. 89–110, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/McWkP54pFcYWp9t9Y48YftJ/?format=html>. Acesso em: 03 jul. 2025.
- CENCI, A. V. Neoliberalismo, capital humano e educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; CONSALTÉR, Evandro (Org.). **Leituras sobre educação e neoliberalismo**. Curitiba: CRV, 2020. p. 87-106.
- DIAS, R.; SERAFIM, M. Comentários sobre as transformações recentes na universidade pública brasileira. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 20, n. 2, p. 335–351, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/BTMnbmLwpMQXnxWqy6ybRpz/?lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2025.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 46, p. 235–254, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/VJmZWSR66pkB3948p76yRVx/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MAGNIN, L. S. L. T.; TAKAHASHI, A. A política de avaliação da produtividade acadêmica brasileira sob a ótica dos pesquisadores: uma meta-síntese. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, n. 3, p. 742–758, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/mMgDQjLkgDfGdLKYKQM6qrQ/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2024.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1. São Paulo, SP: Editora Nova Cultura, 1996.

MAURENTE, V. S. Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Nh5gRFbPMDbk9FJqVk75GCC/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MOURA, A. C.; SANTOS, F. O.; LIMA, J. C. Difusão e democratização de conhecimento em tempos de produtivismo acadêmico-científico. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, n. e10985, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14260>. Acesso em: 02 set. 2025.

OLIVEIRA, A. S. D.; PEREIRA, M. S.; LIMA, L. M. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

REGO, T. C. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 2, p. 325–346, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y7kSww5RQSQRSS89g3sjgrh/?lang=pt>. Acesso em: 03 jul. 2025.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, v. 16, n.48, p.769-819, set./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mm7qsk7QXtTLHKD6DqdR5Kv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2025.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 467–484, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/v3pjhCJJHd8qWghnnm57tch/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

VIEIRA, J. A.; CASTMAN, A. S.; JUNGES JUNIOR, M. L. Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, n. 1, p. 253–269, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/LJXc6k8hdgqCYsgY8zrWw3c/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ZUIN, A. A. S.; BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 726–750, out. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Y7QSC9yjWMB5XWJMz6K99hd/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2025

Recebido em: 28/08/2025

Aprovado em: 28/11/2025